ANO 4.º LISBOA—SABADO, 19 DE JULHO DE 1924 N.º 1007

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

O PESSOAL telegrafo-postal de grande numero de estações, ao tomar posse dos respectivos serviços, enviou-nos telegramas, saudando o *Diario de Lisboa*, pela imparcialidade com que sempre se ocupou do grave conflito telegrafo-postal.

Desde a hora em que as estações foram ocupadas militarmente, até á solução do caso, o *Diario de Lisboa* procurou sempre, dentro da esfera da sua acção, contribuir para que terminasse rapidamente um estado de coisas que estava prejudicando o país e o Estado em milhares de contos.

Felizmente, parece que o lamentavel conflito está resolvido duma maneira definitiva. Folgamos muito com isso, como folgamos vendo que toda a gente faz justiça á imparcialidade da nossa acção, sempre orientada na defesa dos superiores e legitimos interesses do país.

* * *

ESTANDO o governo praticamente impossibilitado de governar com as camaras, visto a maioria não ser zelosa no cumprimento do seu dever, muita gente pregunta:

—«O governo mantem-se ou cai?»

Desde que o parlamento se desinteressa da sua existencia, não lhe resta outra solução que não seja esta—dormir, sonhar...

Se não fossem os pesadelos, passaria horas tranquilas e deliciosas.

* * *

NA tesouraria do 2.º bairro, do Porto, descobriu-se um desfalque de 40 contos. Foi preso um empregado e outro fugiu. Casos desta especie são frequentes. Nota-se, porem, que os seus autores beneficiam, nos tribunais, de uma benevolencia excessiva. Em vez de irem parar á Penitenciaria, conseguem pôr-se a salvo dos rigores da justiça, como se roubar o Estado fosse, no fim de contas, um favor aos partidarios.

* * *

O SERVIÇO funerario da Camara Municipal está a ser estudado, e dizem-nos que será posto em pratica dentro de dois meses. Somos das pessoas que aplaudem todas as iniciativas generosas da Camara, e realizadas, mesmo que se trate de negocios dos mortos. Desejamos que a nossa vereação se ocupe, e realize ao mesmo tempo, os assuntos que se prendem com os vivos, e muitos ha que não podem ser protelados.

* * *

A REDE telefonica Curia-Luso-Bussaco-Coimbra, melhoramento da iniciativa do sr. Alexandre de Almeida, proprietario do Palace Hotel do Bussaco e da Curia, encontra-se muito adeantada.

Em Coimbra ficará estabelecida a comunicação com a rede geral inter-urbana do Estado, podendo-se assim falar para qualquer terra do país servida pelo telefone.

* * *

ONTEM, no rapido de Madrid, chegou a Lisboa o modernissimo humorista espanhol Wenceslau Fernandes Flores que nas suas cronicas no *A B C* e em varias novelas de sucessivas edições, tem marcado um dos logares mais invejaveis da literatura visinha.

O *Diario de Lisboa* cumprimenta o notavel escritor que segue em digressão pelo norte de Portugal.

As crianças

A obra iniciada ontem pela Camara Municipal de Lisboa, com o auxilio de algumas pessoas de bom coração e de boa vontade, é de aquelas que enobrecem uma corporação administrativa.

Levar um meio milhar de crianças até uma praia, para lhes dar banho, e lhes fornecer um conforto higienico de sol e ar livre, pode parecer á primeira vista uma obra, senão insignificante, pelo menos trivial.

Todavia não o é.

A criança está em Lisboa mal amparada. Falta de boas escolas, falta de solida assistencia moral e educativa, falta de cantinas, falta de protecção.

Porque escasseia a sensibilidade? Porque as instituições republicanas não conhecem a sua missão? De maneira nenhuma.

Porque falta dinheiro. Porque a chamada população «remedeada» de Lisboa — é pobre. Porque os pobres — não têm nada.

A crise da criança em Lisboa é pavorosa. Disse-o notavelmente um grande medico professor, o dr. Costa Sacadura. Têm-no afirmado varias autoridades.

No meio destas dificuldades, «reagir» é alguma coisa. Esta simples coisa, aparentemente facil, de deslocar quinhentas crianças para uma praia, lavá-las, alegrá-las, acarinhá-las com uma higiene natural indispensavel, é um belo exemplo.

O Seculo fez isto ha alguns anos. Não é licito esquecer esse estimulo. A Camara vai continuar. E' necessario acentuar a sua acção.

Registamos que o paladino dessa obra benemerita, humanissima e formosa, por tantos pontos de vista, é o vereador sr. Alexandre Ferreira, um homem de coração, de fé, de largas vistas morais cerceadas por circunstancias materiais. Nem estas coisas se levam a efeito sem que uma vontade forte e animosa de idealismo nelas se concentre.

Cumpre-nos, acima de todas as trivialidades tristes da cidade, pôr em relevo o significado moral desta obra da Camara Municipal, e render ao seu inspirador e executor o nosso elogio.

E ás instituições de dinheiro e pessoas de fortuna cumpre, por sua vez, atentar nestes exemplos e segui-los, quando não, auxiliá-los.

ERRO DE VOCAÇAO

O DONO DA CASA—Lá entortei outro prego... Decididamente, não sou predestinado para isto...

A MORTE do sr. Henrique Bensaude, pessoa do maior relevo no nosso meio financeiro e comercial, que muito se distinguia pelo seu caracter esmoler e caritativo sem ostentações, causou funda impressão, não só na colonia israelita, mas entre todos os que o conheciam e admiravam as suas extraordinarias qualidades de inteligencia e de acção.

Por sua expressa determinação, não se fazem participações nem convites e o seu funeral será muito modesto, realizando-se ámanhã, domingo, ás 11 horas no cemiterio israelita, na estrada do Alto de S. João.

* * *

O NOSSO querido camarada Paulo Freire (Mario), escritor e polemista já afirmado em brilhantes trabalhos, que o publico e a critica têm admirado e elogiado, acaba de publicar mais um livro—*Homens do meu tempo*, que será posto á venda, na segunda-feira.

Pelo valor critico da obra, *Homens do meu tempo* está destinada a levantar fortes polemicas, o que é seguro indicio dum belo exito de venda.

* * *

LADISLAU Batalha publicou a *Historia Geral dos Adagios Portugueses*, com um estudo preambular de Agostinho Fortes. Esta obra que representa um grande esforço e um rigoroso labor de interpretação pertence ao numero restrito das que devem entrar em todas as estantes. A edição é da livraria Aillaud.

* * *

UMA comissão, composta dos srs. Avelino de Almeida, dr. Jorge de Faria, Alvaro de Andrade, Matos Sequeira, Alvaro Lima, Antonio Ferro, Mario Duarte, Joaquim Almada e Artur Portela, está organisando uma grande festa de homenagem á gloriosa actriz Lucilia Simões, que acaba de ser elevada ao grau de comendador da Ordem de S. Tiago.

* * *

O ELEVADOR da Bica não funciona ha bastantes mezes. Porquê? E' uma linha curta, de incontestaveis vantagens para o publico, que evitará dar uma grande volta, e dispendiosa, de electrico, ou ter de subir a pé uma ladeira pouco convidativa. Não ha um contracto entre a Companhia e a Camara a este respeito?

* * *

ENCONTRA-SE á venda e em distribuição o fasciculo n.º 5 de *O trajo popular em Portugal nos seculos XVIII e XIX*, obra dirigida por Alberto de Sousa e editada pela *Portugalia*.

* * *

MERECE citar-se o facto do governador civil, sr. dr. Filipe Mendes, quando ante-ontem, no Parque Eduardo VII, mais feroz e sangrenta era a indisciplina, aparecer no meio dos amotinados, a fim de acalmar os animos...

* * *

A MAGNIFICA publicação *O traje popular em Portugal nos seculos XVIII e XIX*, da direcção do sr. Alberto de Sousa, tem já á distribuição o seu 5.º tomo. O exito desta publicação, assegurado logo no primeiro numero, de que teve de se fazer dobrada tiragem, está plena e rigorosamente confirmado.

Tauromaquia

Maera em Pamplona

Terminou a feira de San Fermin, em Pamplona, a mais tipica do norte de Espanha. Durante uma semana tudo é movimento e ruido na patria de Sarasáti, o violinista genial que nunca faltava á feira para brindar com um concerto gratuito, dado da sua janela, os patricios admiradores que esperavam todas as noites, pacientemente, que o artista aparecesse.

Os romeiros de San Fermin, que são todos os de Pamplona, percorrem as ruas, sem interrupção, bebendo e fazendo beber os forasteiros pelas suas borrachas, gritando em côro e em volta dos «gigantes cabezudos» e dando vivas calorosos ao Santo Patrono.

O mais tipico da feira reside, porém, na entrada dos touros para a praça, feita a pé pelas ruas da cidade, entre uma multidão enlouquecida, que desafia os touros, que é perseguida e pisada, fugindo os mais cobardes para as grades das janelas e terminando por entrarem á frente na praça de touros onde se prolongam as corridas e as perseguições entre a grita dos mais timoratos que enchem os logares disfrutando o bravo espectaculo.

Para que Pamplona não perca este previlegio, tão apreciado e de que são ciosos os seus habitantes ocultam-se os feridos, alguns de gravidade, como aconteceu este ano, e não faltam enfermeiros e enfermeiras graciosas para as vitimas, silenciosas e compenetradas da necessidade do sacrificio para conservação do tipico «encierro».

Os toureiros que vão a Pamplona temem mais a furia dos espectadores da terra que a bravura dos touros.

Este ano lidaram-se exemplares das ganaderias do Duque de Verágua, Concha Sierra, Francisco Villar e Santa Colôma sendo esta ultima a mais brava na corrida de «pruéba», que antes constituia a prova das ganaderias lidadas que enviavam um «sobréro» para esta corrida mixta, lidaram-se este ano quatro touros do Duque de Tovar que sairam «mansotes».

O vencedor da prova foi o triunfante «Maéra», o heroe da Corrida da Imprensa de Sevilha e o ganhador da orelha de ouro na Corrida da Imprensa de Madrid. «Maéra» que é actualmente o toureiro em foco, disputado por todas a emprezas e aclamado pela «aficion» não se limitou a vencer a «pruéba» pois em todas as corridas de feira foi sempre o melhor, toureando á veronica e por «gaonéras», fazendo «quites» barbaros de valentia e oportunidade, bandarilhando colossalmente como só ele hoje é capaz, «muleteando» e matando entre ovações, chamadas aos médios, «vueltas al ruédo», o delirio!

Chicuélo continua sendo, na arte finissima e na desvergonha, o representante na Europa do genial Rafael Gallo, que anda pelas Americas. O gracioso moço continua a disposição, iniciada em Sevilha e mantida em todas as feiras, de se não arrimar aos touros atravez de todas as «broncas» e «pitas».

Esperemos que se resolva oportunamente, como o ano passado, á estar bem em Bilbáo e nas ultimas corridas da temporada, o que lhe permitirá contractar durante o inverno varias feiras para 1925 em que renovará, com aprovação do tio «Zocato», esta tatica inteligente e desvergonhadissima.

Estes calculos subtis nunca os teve Rafael, que não sabe administrar as «espantás» e os triunfos e os prodigalisa ao acaso. Falta de administração!

«Nacional I» foi o toureiro impessoal e incolor de sempre, e seu mano «Nacional II» o martingaleiro tragico que já não convence ninguem.

«Algabeño» teve algumas faenas valentes e deu varias vezes o «volapié» macho e com estilo com que entusiasmou Madrid na 5.ª corrida de «abono».

Fuentes Bejarano, que os portugueses viram em Badajoz, «pinchó», «pinchó» e «pinchó», entre «pitas» e avisos.

Total: Em Pamplona triunfou Maera, o ganhador da orelha de ouro, o bandarilheiro colossal, o toureiro da actualidade.

Não citamos, por já constar da entrevista, o trabalho dos cavaleiros Veigas pai e filho o qual ámanhã reaparece na festa de Cadete.

El Terrible Perez

Drogaria João Faria

Convidam-se os Srs. Credores desta firma a comparecerem a uma reunião que se realisa na proxima segunda-feira, 21, ás 9 horas da noite, na Soc. Cruz Sobr.º, Ltd., rua do Carmo, 43, 1.º.

Lisboa, 18 de Julho de 1924.

A Comissão.

FATOS E SOBRETUDOS

Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

CRONICA FINANCEIRA

Emquanto

não vêm

medidas financeiras . . .

O Banco de Portugal

e a crise de numerario

A politica do gabinete tem tomado o tempo do actual governo, não lhe permitindo produzir até agora as medidas financeiras que a praça, e o país esperam, com justa anciedade. E' natural tanto a demora dos governantes, como a anciedade dos governados.

Não estando nós em frente de um desses governos que assumem o poder, depois de uma larga propaganda e em virtude de um programa que convencesse o país dos seus beneficios, mas de um governo formado por necessidades politicas, não se pode exigir que o sr. ministro das Finanças se fizesse acompanhar, á sessão da apresentação do gabinete, do rolo dos seus planos financeiros. Ao sr. dr. Daniel Rodrigues não é estranha a situação da praça e do país. Mas conhecer os males nem sempre implica dispor do remedio. Por conseguinte, s. ex.ª terá precisado de tempo para elaborar as suas propostas de finanças. Confiamos, pois, que de um momento para o outro o sr. ministro das Finanças leve ao Parlamento o trabalho que a situação tão instantemente reclama:

Até á hora a que escrevemos esta cronica não sabemos o que serão as medidas financeiras que o actual governo apresentará. Tem-se rumorejado um e outro projecto, anunciado propositos, vacticinado projectos. Mas tudo isso são hipoteses, noticias quando muito, presunções sem o cunho nem a garantia oficial. Endendemos, portanto, relegar todos esses pronuncios para as invisiveis esferas do boato.

Entre o que ha a pôr de rigorosa e prudente quarentena conta-se o que se tem dito sobre o Banco do Estado. Guarde-se o governo e o país de que uma parte sequer do que se ouve tivesse um dia qualquer sombra de confirmação oficial. Não o crêmos. O Banco de Portugal tem conseguido manter o seu proprio prestigio e trabalhado para manter o credito do país. Se houvesse rasão, qualquer rasão para uma interferencia, estava bem que em tal se pensasse. Mas as suas direcções não deram até hoje logar a que se considere necessaria, já não diremos indispensavel qualquer colaboração.

Pensar numa interferencia naquele organismo parece-nos decididamente desaconselhado. Estão bem á vista e bem gravados na memoria do país os desastrosos resultados da interferencia oficial noutras administrações, para que se pense, para que se esboce sequer a hipotese de interferencia no Banco do Estado.

E' mais do que certo que as consequencias seriam lamentaveis.

Não acreditamos que isso atinja as proporções dum assunto a discutir.

Já não é pouco lamentavel que o boato se entretenha com os assuntos mais graves da nossa grave situação financeira.

O Banco de Estado é uma instituição em que é sempre melindroso tocar. E em nome dos altos interesses colectivos, o Banco de Estado não deve nem pode ser envolvido em discussões politicas. Quando qualquer preocupação acudisse ao espirito de quem governa deveria ela ser examinada com o recato, e a ponderação que aconselha o credito duma instituição que é o primeiro estabelecimento de credito do país, o estabelecimento bancario emissor, o porta-estandarte do proprio credito do país.

São coisas muito serias em que nem a paixão politica nem o calor das discussões ou dos improvisos podem tocar.

Reconhecemos, porém, que até agora o governo não produziu acto ou palavra que possa causar apreensões desta naturesa, visto como a quesfão politica tem absorvido a sua até hoje curta vida.

Por isso mesmo que não produziu medidas que causassem dano ou beneficio, a crise periodica de numerario, a que nos referimos na nossa cronica anterior, está no mesmo pé, para não dizer que vai mais agravada.

E o mal é que entregue a si propria a crise não se resolve, podendo pela soma das velocidades adquiridas tomar um aspecto mais sombrio.

O governo não pode assistir de braços cruzados, a esta crise.

Na nossa ultima cronica examinámos a periodicidade desta crise que todos os anos, na mesma época, matematicamente, inflexivelmente, se apresenta desde 1921. Verificamos as suas causas: desproporção do numerario em face do enfraquecimento da moeda-papel, desproporção tão grande que se torna sensivel á minima imobilisação de meio-circulante: despesas do periodo termal, jornas a ceifeiros, e compras de cereais. Mesmo que a vida das termas não prolongue a imobilisação, já assim não é com os salarios dos ganhões cuja poupança só o inverno entrante consentirá em abrir mão do que a vida frugal da temporada lhes permittiu amealhar. E ainda essa soma não terá regressado á circulação normal e já o factor maximo—compras de cereais—terá vindo pesar esmagadoramente sôbre a crise.

Insistimos no nosso alvitre aqui apresentado á boa vontade, á decisão e á isenção de legisladores ou de governantes que entendem merecer a pena estudá-lo: emquanto á circulação fiduciaria suplementar, destinada a este periodo que anualmente se renova, e a ser recolhida rigorosamente findo que seja o termo da crise periodica.

A fôrça vai prosseguindo a sua senda angustiosa. Todos concordam em que a crise, a que todos assistem de braços cruzados, pode desencadear fenomenos ou insoluveis ou de uma mais trabalhosa solução. E todavia ninguem se mexe, janta-se á mesma hora, dorme-se o mesmo numero de horas. Não é indiferente a ninguem este assunto. O comercio e a industria são os primeiros a sofrer, não ha duvida. Mas no dia em que a crise de periodica epidemia se tornasse endemica, ninguem deixaria de sofrer-lhe as terriveis consequencias, não sendo a politica e os politicos quem menos teria a padecer, quando a *chômage* formasse a procissão da fome.

Estamos ainda a tempo de localisar e atenuar esta crise de numerario, enquanto um largo plano financeiro não encara o problema geral de frente e o não resolve de uma vez.

O nosso alvitre é de um aumento suplementar da circulação fiduciaria, validado por um periodo de tempo determinado, parece-nos que ultimaria a crise periodica.

Mas nós não temos pruridos de legisladores, e quando a discussão do nosso alvitre não servisse senão como ponto de partida para se ocuparem do assunto dos poderes do Estado, já nos davamos por muito felizes, na nossa qualidade de portugueses a quem nada que interesse a vida colectiva pode ser indiferente.

O nosso dever está cumprido, e continuar a cumprir-se.

Assim o façam todos, entendendo-se que governar não é mandar é cooperar, e aceitar senão a agradecer a cooperação de todos.

A nossa, como cronista financeiro, aqui fica.

Pianos Alemães

das mais afamadas marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 128.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Julia Pereira Peixoto de Sarmento Queiroz e D. Eugenia Guedes de Menezes de Portugal Teixeira de Queiroz.

E os srs:

Conde de Campo Belo, conde de Belmonte, Fernando Perfeito de Magalhães e Menezes Vilas Boas, João Henrique Andresen, Jaime Segurado Ferreira Caio, Artur Manso Tavares e Francisco Rego Abreu de Resende.

Casamentos

Realisou se ha dias, na parroquial igreja de Santa Izabel, o casamento da senhora D. Cancida Mourão de Mendonça Côrte Real, gentil filha dos srs. viscondes de Bucelas, com o sr. D. Hugo de Lacerda Pereira Coutinho (Soydos), filho da senhora D. Margarida Castelo Branco Pereira Coutinho e do sr. D. João Pereira Coutinho (Soydos), tendo servido de madrinhas as senhoras D. Gabriela de Mourão Mendonça Côrte Real Pinto, irmã da noiva, e D. Maria José da Graça Pereira Coutinho Facco Viana, tia do noivo, e de padrinhos os srs. José Antonio de Deus Alves Mendes, cunhado da noiva, e o almirante Hugo de Lacerda Castelo Branco, tio do noivo.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Nascimentos

Teve ha dias o seu bom sucesso a senhora condessa de Pinhel (D. Dolores).

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Em viagem

Para a quinta do Campo, em Cintra, partiram ha dias, os marqueses de Santa Iria.

—Partiram: Para Queluz, com sua esposa a sr.ª D. Albertina Canongia Waddington, o sr. coronel Antonio Waddington; de Elvas para o Gerês, com sua familia, o sr. João Henriques Tierno; para Leça da Palmeira, o sr. conde de Leça; de Santa Comba Dão, para a Povoa do Varzim, o sr. Antonio Silveira; para a sua casa de S. Pedro do Muel, com sua familia, o sr. dr. Afonso Lopes Vieira; do Porto para Loureiro, Oliveira de Azemeis, o sr. Manuel Valente Junior; e de Oliveira de Frade, para Espinho, o sr. Manuel Emilio Castelo Branco; para o Gerês, o sr. Antonio Cesar Queiroz; de Castendo para Oliveira do Hospital, o sr. Bernardo de Magalhães Coutinho Leite; da Casa de Vagos, Carrasco, para a Curia, o sr. Raimundo Quintanilha; da sua casa de Nine, no Minho, para a praia de Ancora, com sua familia, o sr. Adolfo Sampaio; e do Porto para o Bom Jesus, em Braga, o sr. José Pinto de Moura.

—Encontra-se em Lisboa, vindo de sua casa de Cantanhede, devendo partir no fim do corrente mês para Vizela, o sr. Francisco Pinto de Carvalho.

—Chegou de Madrid, acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. dr. Jorge dos Santos, conselheiro da nossa legação naquela capital.

—A bordo do vapor «Gelria» parte na proxima segunda-feira para o Rio de Janeiro madame Duarte Leite, esposa do embaixador de Portugal no Brasil.

— Regressou de Viana do Castelo o sr. dr. Joaquim Bensaude para assistir aos funerais de seu primo e cunhado sr. Henrique Bensaude.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 21,30.—«A Vinha do Senhor».
Nacional=A's 21,30—«Os dois garotos».
S. Luis=A's 22—«Vida Nova».
Trindade=Não ha espectaculo.
Politeama=A's 21,30—«Os Campinos».
Avenida=Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Rez Vez».
Apolo=Não ha espectaculo.
Eden=A's 21,45—«Aguas passadas...»
Gil Vicente=As 21,15—«Os dois sargentos».
Coliseu dos Recreios=A's 21,45—Variedades e torneio de luta.
Circo da Feira=(Parque Eduardo VII)—A's 21|45 e 23—Companhia Carcinalli.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz=Calçada da Gloria.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Recio=Rua do Arco do Bandeira.

Massetti, o campeão italiano, luta hoje no Coliseu dos Recreios contra Leskinowitsch, o formidavel campeão russo.

AVENIDA PARQUE

(Antigo Parque Mayer)

TODAS AS NOITES

Esplendidos concertos de «JAZZ-BAND» ao ar livre

Profusa iluminação

Numerosos recreios e diversões

INFECÇÕES INTESTINAIS

Enterites — Diarréas — Prisão de ventre

YOGURTINA

FERMENTOS LACTICOS

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º

TELEF. C. 1196

UMA FABULA TRAGICA

Do livro "D. João e a mascara,,

de Antonio Patricio

transcreve-se o final do acto IV

JOÃO, (como a si mêsmo, muito baixo).

Fui garrotado sete vezes... sete. E ain da vivo. (Ergue a cabeça lentamente, fita o Duque. Tem um vergão arroxeado no pescoço. Tocando-o com as mãos) O meu colar de Calatrava... Olha...

O DUQUE, (os olhos rasos).

Meu irmão... E' a ordem da tua alma.

JOÃO

Enforcou-a na trança, não é certo? E dizem que a beijou depois de morta... Ouviram-no dizer:—«O unico beijo calmo que lhe dei.» E tinha o ar contente, os olhos doces...

O DUQUE

O que o perde talvez é o que ele disse, o que disse depois no tribunal:—«Porque é que Deus lhe deu tranças tão longas?» Parecia acusar Deus naquele instante...

Silencio brevê.

JOÃO

Eu saio a esmolar de madrugada. Mas tu... Não podias fazer alguma coisa, falar a mais alguem? Não seja tarde...

O DUQUE

Que mais queres tu! Já temos feito tanto.

JOÃO

Tens pouca esperança?

O DUQUE

Pouca. Não sei que mais possa fazer ainda.

JOÃO

Mas vai sempre. Ha piedade escondida até nas pedras. Se uma palavra tua a despertasse...

O DUQUE

Eu vou, eu vou.

JOÃO

Vai com esperança. Ia a Madrid de rastos se pudesse. Vê se consegues que alguem vá á côrte. Uma palavra só, um só instante, e era o perdão. Mendiga mais: mendiga a vida dele de joelhos.

O DUQUE

Mas se o perdão viesse...

JOÃO, (interrompendo)

Sei o quê vais dizer. Era ainda a vida. Ainda o sol, ouviste?...—(Noutro tom) Mas vai depressa, vai. Vai com esperança.

O DUQUE

Volto ámanhã?

JOÃO

Volta ámanhã. Espero-te. (Com uma voz sem timbre) Fui eu que a enforquei. Que tranças longas!.. (O Duque olha-o tristemente. Noutro tom) Mendiga bem, mendiga bem... Depressa.

O DUQUE, (tomando-lhê as mãos em despedida)

Como tu ardes...

JOÃO

E' o amor dele em mim. Nunca a amou tanto. E vê-la ir pelo além, sózinha!... (Como despertando, bruscamente) Vai depressa, vai. Vai com esperança. (Pausa) Que não lhe abram a cova as minhas mãos. (Levando as mãos ao pescoço) O meu vergão—verás—fica mais roxo. As violentas do garrote... Doem-me. Até eu dou flor. Tudo dá flor.—Mas não percas mais tempo...

Até ao fundo do claustro, acompanha o Duque. Ninguem passa. Instantes depois, reaparece. Tudo é côr de burel, até o ar: cinza, duma cinza penitente. Como brotando do granito, a Morte junto dele: SOROR MORTE.

JOÃO

Soror Morte...

(Com uma grande doçura)

Antonio Patricio

Antonio Patricio — o admiravel estilista bizarro do *Serão inquieto*, o animador ultra-sensivel do *Pedro, o cru*, deu-nos agora, numa edição cuidada da livraria Aillaud e Bertrand, para a qual Almada Negreiros desenhou primorosamente a alegoria simbolica da capa, uma fabula tragica, *D. João e a mascara*, obra de largo e humano alcance literario, em que a figura do eterno *burlador* de Sevilha é analisada por um processo novo.

Ha paginas no *D. João e a mascara* que contêm um grande sonho de beleza emocional, e toda a fabula, admiravelmente tecida, consegue deleitar e prender.

Antonio Patricio, qne fez do D. João um mistico, desceu bem fundo no conhecimento da alma humana, eterna insatisfeita de todas as fontes da vida.

Transcrevemos as ultimas paginas do quarto acto — o ultimo e belo dialogo entre D. João e a morte.

Tu que tantos difamam,
e poucos, como eu, ajoelhados amam.
Irmã!... Deixa chamar-te. Imortal Bem-Amada.
Amendoeira de luz no caminho do Nada
O' Soror... Por piedade. A noite vem já perto.
Nem um botão de mirra em todo o meu deserto.
A noite, a noite vem: é feita de basalto,
e já não ergo as mãos, não posso, para o alto.

SOROR MORTE

Sou eu. Ha quanto tempo, uma manhã, te disse
que era eu afinal, eu só, a Beatrice.

JOÃO

Por vires hoje a mim como ao Pobre de Assis
de Soror, Soror Morte, é que a minha alma quiz
ser erva para ti, para o teu passo bento
como a luz da manhã nas lajes do convento

SOROR MORTE

Desce ao claustro, de noite, sem ruido:
o misterio p'ra ti, é um novo sentido;
vai assim, mete as mãos no silencio da fonte,
é que o teu coração se cale, que não conte
emquanto tu molhares os olhos, o cabelo,
vendo na agua a sorrir o irmão sete-estrelo.
Podes ir. Vai assim no silencio. Não temas.
O silencio da noite é um turbilhão de gemas
sofrendo como tu, em órbitas sem nome,
do mal, do grande mal que te consome.
Quem arde assim de amor, tem irmãos-sóis na altura.
A noite é tua irmã. A tua chama é pura.

JOÃO

O' Soror Morte, Irmã, vem tocar-me a estamenha.

SOROR MORTE

Arde mais, arde mais: corpo teu, boa lenha
Como num monte uma fogueira de pastor,
no cimo da tua alma ha uma chama de amor.

JOÃO

Com mãos de chama, ha muito, ha muito que eu o chamo,
e já não sei dizer, não sei dizer:—eu amo...

SOROR MORTE

Arde mais, arde mais. Palavras, para quê?...
E chama a chama, é alma a alma que se vê.

JOÃO

Não ser eu, não ser eu, é ser emfim o Amor!..

SOROR MORTE

Ele vem, ele vem: em perfume de flor,
como um perfume de flor no vento sul,
vem a ti, vem a ti por corredores de azul,
como o luar que desce as nuvens em ravina,
quando a lua é no ar uma face argentina.
Sob o seu pé descalço, a Eternidade ondula
como um mar de verão que o vento norte azula
Ele vem, ele vem: vem a ti, vem a ti...
Na tua cela, agora, o silencio sorri.

JOÃO

Mas u não sou, não sou:—o que ha de mim, Irmã?—
Não existo, não fui: sou sombra, sombra vã...

SOROR MORTE

Ele vem, ele vem: não sentes que caminha?—
Com asas de aguia e de gaivota, e de andorinha,
por agonias de alma, ele vem, ele vem:
vem a ti, vem a ti, com reflexos de além...

JOÃO

Eu tenho medo, Irmã...

SOROR MORTE

Arminho, é todo arminho.

JOÃO

Venha primeiro a mim, ó Morte, o teu carinho.

SOROR MORTE

Ele vem, ele vem: vem em plumas de noite...

JOÃO

E não ha cela, Irmã, não ha, em que me acoite.

SOROR MORTE

Ele vem, ele vem: oiço-lhe os pés ao longe:
vem em visitação, vem a ti, pobre monge,
a coluna de Deus, a prodigiosa força,
com murmurios de espuma e com olhos de corça:
ele vem, ele vem dos confins da fadiga
que trouxe a tua alma aqui, como mendiga:
ele vem, ele vem como Jesus aos pobres
quando a angustia, na noite, é o silencio em dobres.

JOÃO, (com um terror sagrado, muito baixo)

Ele vem, ele vem...—Irmã, eu tenho medo.

SOROR MORTE

Vem de tão longe, Irmão!... Tens ainda degredo.
Cardaste as horas como estrigas no tormento
de te sentires morrer, mas cada vez mais lento.
Quando o teu desespero quiz gritar por socorro,
nem um momento só pôde dizer: eu morro...
Querias viver, viver... Até que te perdeste
p'ra te salvares emfim, até que te esqueceste,
fôste o corpo e a dor, fôste o soluço e o beijo,
fôste a Miseria emfim—para além do desejo—
e tanto em sangue e em lama e em choro te fundiste,
que naufragaste em ti,—e emfim te redimiste.

O claustro escurece-eu. Ha um silencio.

JOÃO, (uma voz muito doce, ajoelhando)

Oiço nos longes da minha alma os pés do Amor!...

SOROR MORTE

Ele vem, ele vem, o Cavaleiro-Amor!...
Ouve-o em ti, ouve-o em ti como se ouve as nascentes
quando no outono, as leiras são já transparentes...
Ele vem, ele vem, pó de estrelas ao longe,
vem a ti, vem a ti, vem a ti, pobre monge
que tens como um colar essa vileza santa,
o estigma do garrote, em roxo, na garganta.

JOÃO, (erguendo as mãos a Soror Morte)

Vem Tu a mim, vem Tu...

SOROR MORTE

Hei de vir, hei-de vir.

JOÃO

Mas tão perto... vem já.

SOROR MORTE

Hei-de vir, hei de vir. O silencio será
como na despedida,
o detonar da vela da partida.
Hei de vir... hei-de vir...
Quando o Amor te tocar, quando o amor te florir...

(Pausa).

Hei-de vir... hei de vir... O silencio será,
como de olhos cerrados, o marulho
dum pleno mar de verão num meio-dia de julho.
Hei-de vir... hei-de vir
numa inocencia tal e numa paz tão doce
que tudo lhe será igual, como se fôsse
a Terra que sorri em extase, que dança
entre pomares de estrelas, de criança...

(Mais perto dele)

«O Senhor é Amor». Ser Amor é ser Deus.
Há eternidade já nesta palavra: *Adeus*...

Esvaece-se a fórma. E' quasi noite. A presença da Morte é toda intima.

JOÃO

Non sum dignus. (Com uma humildade imensa) Não sou digno. (Religiosamente, beija nas lajes, como um vestigio de asa, os pés da Morte.) Não sou digno ainda.

Reza em silencio. A face, que a oração decanta, é toda pura.

Companhia Geral de Seguros

Esta Companhia continua explorando seguros de Incendios, Acidentes de Trabalho, Vida e Maritimo.

Quanto aos dois ultimos ramos tratam-se a partir de 1 de Julho exclusivamente na séde desta Companhia, Rua dos Fanqueiros, N.° 121, 1.°

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. do dia 19: Depressão ao S da Escandinavia com tendencia a deslocar-se para N. Zona de alta pressão nos Açôres 773mm. Pressão em Lisboa 761mm. O barometro desce no S da Escandinavia e no NE da Peninsula e sobe no resto da Europa. Na Europa predominam em geral ventos de OE entre fracos e moderados.

Não se faz previsão por falta de comunicados.

A Cidade

Chá das cinco

A' procura de Luiz XVI

Uma companhia de verão, dirigida pela insigne actriz Palmira Bastos, pretende pôr em scena no teatro S. Luís, a velha peça do repertorio francês «Maria Antonieta», que já fez as delicias de nossos avós e ainda se prepara para fazer o encanto dos netos.

Como de costume, procedeu-se á leitura da peça e á distribuição de papeis, verificando-se que nenhum actor queria desempenhar a parte do pobre rei Luiz XVI, talvês porque o espirito democratico da epoca exerça uma grande influencia sobre a imaginação republicana dos nossos artistas.

Convidados, sucessivamente, alguns dos nossos melhores comediantes, sobre a cabeça dos quais assentaria bem a coroa real de França e cujo pescoço se prestava lindamente para o cutelo da guilhotina, têm recusado todos, sistematicamente, o manto da realeza que se lhe oferece — quasi de graça.

Pelo jardim de inverno do teatro S. Luis, transformado por obra do acaso em jardim das Tulherias, passaram já nada menos de seis actores, que recuam espavoridos, ao ouvir o grito de morte lançado aos ouvidos do rei pela populaça tumultuosa de Paris:

— Treme, tirano, a tua hora chegou!

E a linda austriaca, por mais que procure, não encontra quem queira empunhar o sceptro de França, numa hora tão grave como esta, em que já se ouvem na rua as notas vibrantes da «Carmagnole» e do «Çá ira». Chora em silencio a princesa de Lamballe, chora o Delfim; choram as alas da rainha, chora a palmeira do jardim de inverno e não aparece um actor de verão que se disponha a subir todas as noites ao cadafalso pintado do Tesouro Velho.

Maria Antonieta, a cada recusa, vai ficando com um cabelo branco a mais na sua linda cabeleira loira. E olhando para o teatro querido da sua grandeza, com a mesma nobreza desdenhosa com que outrora subiu os degraus do patibulo, volta-se para a princesa de Lamballe e diz, com lagrimas na voz:

—Decididamente, minha querida, ninguem quere ser o marido da viuva de Luis, noutro tempo rei dos franceses.

E o mais humilde comparsa daquele emocionante drama de familia, o mesmo que ha de colocar o barrete vermelho na cabeça de Luis XVI, exclama ao ouvido da cidadã Théroigne de Mericourt:

—Para que se havia de lembrar o cidadão emorezario de repôr «Maria Antonieta» no teatro da Republica!?

Norberto Lopes

Auto-pianos
SOLO-CAROLA
Instrumento de arte
O maior sortimento de auto-pianos para todos os preços
Salão Neuparth
Rua Nova do Almada, 97

POLITEAMA HOJE
Os Campinos
COSTUMES RIBATEJANOS

A EPOCA DE VERAO

"Os Campinos"

de Salvador Marques

subiram ontem á scena

no Teatro Politeama

Regressamos ao teatro antigo... Se ele não passar desta safara e arida quadra estival, onde o interesse artistico tem que ser condicionado ou dissolvido nos lucros donegocio, não será a nossa pena que levanta á a barricada. Mas se ele entrar inverno fóra, rfalseando a noção bem clara e bem assente que o teatro é uma escola de estudo, de analise e de beleza, que deve ser apresentado ás plateias, guardando demarcadas linhas de superioridade artistica, fazendo do *amanhã, hoje*, completando-se na vida moderna e não no passado morto—então, teremos que defender violentamente a nossa epoca, a nossa geração e o nosso pensamento.

E, dizemos isto, porque além da peça ontem representada no Politeama, anunciam-se já mais dois ou três dramalhões principerealescos, que indo ao encontro das predilecções morbido-romanticas do publico, lhe apaga os leves lampejos de cultura, de raciocinio que ainda possa ter.

Apesar de ter cincoenta anos, os *Campinos* de Salvador Marques, adquirem na *mise-en-scène*, fresca e colorida de Augusto Pina e na representação cuidada de toda a companhia, graças de pitoresco que interessam e que se admiram sem enfado.

Estamos em crêr que os *Campinos*, no seu tempo, excederam a meta teatral. Afóra alguns levissimos monologos; um certo desequilibrio de linguagem e uma abundancia de lagrimas de sexta-feira de paixão—a peça mantem-se num seguro teatro de efeitos, embora discutivel.

A Augusto Pina se deve uma das mais belas montagens que temos visto em palcos portugueses, executada com realismo decorativo, flagrancia de costumes e interessantes disposições de mobiliario, nos interiores rustico e solarengo.

Interpretação.

Antonio Silva, que nós já tinhamos signalado na *Fera*, de Ramada Curto, teve as honras da noite. E' um belo actor de verdade, que executou o seu tipo de José da Bouça, marcando-o de admiraveis detalhes. O seu trabalho não se confina, á expressão ou á dicção; é um todo indestrutivel, bloco onde a alma, os sentimentos, ingenuidade, rudeza, altivez e revolta se agitam, em transições tão bem dadas, que o esforço do artista desaparece ou morre na criação autentica.

Rafael Marques meteu ombros oo seu personagem romantico, romantizando-o, com emoção em todos os actos. Joaquim Costa, num pequeno papel de padr[illegible] foi discreto de efeitos. Bem. Joaquim de C[illegible]veira coloriu a figura de tintas alegres. Izilda de Vasconcelos, simples e modesta, rubricou perfeitamente o personagem. Apenas um reparo. Os fidalgos têm pouca virilidade, tanto na expressão, como na acção e na dicção, desmentindo assim a tradicional prosapia das estirpes portuguesas de boa cepa.

A. P.

EM SÃO CARLOS

"A casa em ordem,,

volta ámanhã a representar-se

por lhe terem sido levantados os embargos . . .

A *Casa em Ordem*, apesar de não estar no cartaz, tem sido representada todos os dias. Em que teatro?

No teatro dos tribunais, onde, á volta da acção da peça, se tem desenrolado uma movimentada acção de interesses e de direitos adquiridos.

Ha 18 anos, Lucilia Simões, já grande, já consagrada, já perfeita nos seus processos artisticos, interpretou pela primeira vez em Portugal a peça de Artur Pinero.

A sua criação foi uma obra prima. O nome do autor desapareceu. Ficou apenas o de Lucilia, que tinha realizado uma grande figura de mulher, concentrando nela todas as suas virtudes criadoras.

A peça foi representada dezenas de vezes. O publico ao ouvir falar na *Casa em Ordem*, como na *Magda*, como na *Rajada*, pretendia apenas admirar a beleza artistica da interprete, e não a forma literaria do autor.

Nunca Artur Pinero se lembrou de reclamar quaisquer direitos.

Se eles existiam, pertenciam á artista, pois que sem ela, a *Casa em Ordem* nunca seria representada em Portugal, e não a Artur Pinero, entre nós desconhecido ou esquecido.

Mas os anos passaram. Um dia, não sabemos porquê, Pinero lembrou-se de reivindicar os direitos da sua obra, até então esquecidos, como um pai que acarinha um filho rico, a quem despreza quando pobre.

A questão foi para os tribunais. Pinero passou uma procuração a um seu compatriota residente em Lisboa, para ele embargar a representação da sua peça.

Lucilia tomou o seu partido, entregando a defeza da sua causa ao ilustre advogado sr. dr. José Gomes Mota. O pleito debateu-se largamente. O dr. Gomes Mota agravou para a Relação e, por unanimidade, é revogada a decisão da primeira instancia e ordenado que sejam suspensos os embargos.

Lucilia ganhara a causa. Já estava ganha, pois que a sua interpretação excedeu o valor da obra.

Conclusão: a *Casa em Ordem*, ha tempo retirada do cartaz, reaparece amanhã em S. Carlos, para gloria de Lucilia Simões.

"Matinée" de Arte

Sob a presidencia do sr. ministro de França, realiza-se ámanhã ás 2,30, no teatro Politeama uma interessante «matinée» de arte, sendo distribuidos os premios aos alunos de «L'Eccle Française de Lisbonne» que funciona no pateo do Tijolo, 25.

Bodo aos pobres

Na séde do quinzenario «A Alma de Portugal», orgão dos «Amigos do Fado», na rua dos Cavaleiros, 55, realiza-se ámanhã, ao meio dia um bodo de 5$00 a algumas desenas de pobres.

"Mascaras de teatro"

Acaba de sair o nnmero 2 deste interessante «magazine» de teatro, que é dirigido pelo sr. Avelino de Sousa, tendo como proprietario o sr. Florenço Gomes e como director artistico o sr. Julio dos Santos.

Apresenta-se com optima colaboração literaria e profusamente ilustrado.

No Coliseu dos Recreios luta hoje o português Manuel Gonçalves contra o alemão Stoll.

Pelos teatros

Alves da Cunha

Alves da Cunha é hoje, da moderna geração, o maior de todos os artistas, o mais audacioso e o de mais altos vôos, mas tambem o actor mais ilustre, de-

ALVES DA CUNHA

tentor de um revertorio selecionado, grande, que impõe a sua Arte e o tornou o primeiro de todos entre aqueles que constituem a sua geração.

Alves da Cunha realisa a sua festa na proxima segunda feira e realisa-a com a primeira representação da peça «O Turbilhão», o primeiro original de um escritor e homem de letras distintissimo, o dr. Faria de Vasconcelos, lente da Faculdade de Direito de Lisboa.

«O Leque»

Os papeis masculinos da peça «O Leque» de Flers e Caillavet que a critica considera o «chef-d'oeuvre» do teatro francês como comedia, tem os seguintes interpretes: Erico Braga, Antonio Pinheiro, Joaquim Almada, Mario Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Francisco Sampaio, Pestana de Amorim e Rebelo de Almeida.

«O Leque» com todo o rigor de «mise-en-scene» sobe á scena no S. Carlos na proxima terça feira desempenhando a protagonista a nossa grande Lucilia.

Coliseu dos Recreios

Fazem hoje a sua 2.ª apresentação no Coliseu dos Recreios os artistas pintores «Les Ernests», que ontem obtiveram um grande sucesso.

As lutas de hoje são as seguintes: Manuel Gonçalves contra o alemão Stoll; o italiano Massetti contra o russo Leskinowitsch e o holandês Van Dem contra o belga Terrassier.

Atrás do reposteiro

Afastada do repertorio da companhia Lucilia Simões por causa de um pleito levantado pelo suposto autor, volta amanhã a ser representada, em S. Carlos, a peça «Casa em ordem».

—O actor Joaquim Costa foi agraciado com o grau de cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada.

—Estreiam-se hoje, no teatro S. Luiz, na revista «Vida nova», os três quadros novos: «O banho inesperado», «A tesoura homicida» e «Uma vendedeira em bolandas».

—Eduardo Montez, das Caldas da Rainha, tomou de arrendamento, na epoca de verão, o teatro Pinheiro Chagas.

—Os ensaios da peça «A Severa», no teatro Nacional, estão sendo dirigidos pelo professor da Escola de Arte de Representar e escritor sr. Augusto de Lacerda, que está pondo na «mise-en-scène» da mesma, toda a sua comprovada competencia e autoridade teatral, secundado pelo autor.

—A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho vai fazer uma temporada nas Caldas da Rainha, onde realisará seis espectaculos, e outra na Figueira da Foz, de quinze dias, tendo já contractos firmados.

—Foi adiada para o dia 23 do corrente, quarta feira, a inauguração da época de verão, no Apolo, para estreia da companhia dirigida por João Silva e Jorge Grave, e a primeira representação da peça «O Capital», de Ernesto da Silva.

—Na peça «O Capital», em ensaios no Apolo, para subir á scena na proxima quarta feira, os principais papeis femininos vão ser interpretados pelas actrizes Maria Santos e Lusitana Sayal, estreando se na peça, além dos actores João Silva, Henrique de Albuquerque e Jorge Grave, José Vitor, que faz o papel criado pelo falecido artista Pato Moniz, e Abilio Baptista, o do actor Ferreira das Velhas.

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Rua Nova do Almada, 80-1.º
da 1 ás 3 Tel. C. 535

A Cidade

Palace Hotel da Curia
«Appartements» completos
Instalação modelar
O MAIOR HOTEL DE PORTUGAL
Pensão completa a partir
de 45$00 escudos

A JUSTIÇA E AS LETRAS

Autor

processado

por causa dum livro

de

"charge,, politica

Armando Boaventura, o distinto jornalista, cujo recente livro *Sem Rei nem Roque...* tanta discussão provocou nos meios politicos monarquicos e republicanos, acaba de ser chamado, perante a Justiça, á responsabilidade, por algumas paginas do seu trabalho. Quizémos ouvi-lo sobre o caso.

—«Alguem» faz côro com varios «alguens», pretendendo envolver-me nas malhas estreitas duma intriga malsinante—uma intriga politica. Deu-lhe no goto o «Sem Rei nem Roque ..»? E'-me, pois, licito preguntar: São republicanos ou são monarquicos os que me acusam? Nem uma coisa nem outra, ou ambas—segundo as suas conveniencias pessoais. Claro está que não me refiro aos republicanos e aos monarquicos que o sabem ser—honrados, sinceros, dignos—que os ha, ainda, e felizmente, em Portugal.

—No seu livro...

—Critiquei, belisquei—em ar de *blague*, com bom ou mau humor—*politicos* de um e outro lado. Não disse, porém, a decima milionessima parte daquilo que, com ar sisudo, a serio—*irados e não facundos*—se dizem esses *republicanos* e *monarquicos*, uns dos outros, pelas esquinas, pelos cafés ou pelos bastidores sordidos da politica. Cito dois exemplos: Logo que constou que eu estava preparando um livro de *charge* politica, um republicano historico dos mais justamente cotados, disse-me: «Você refere-se a Fulano? E a Cicrano? E a Beltrano? Tem muito a dizer deles... Foram, ontem, *isto...*; depois, *aquito...*; hoje, *assim...*; amanhã...» E alguns dos citados eram... correligionarios do meu interlocutor... Doutra vez, regressava eu da provincia, quando, subindo o Chiado em direcção a casa, topei com um grupo de monarquicos—dos mais categorisados—junto da igreja do Loreto. Um interroga-me: «E' verdade. Então esse livro?... Você chega em alguns monarquicos?...» «Em alguns»—respondi. «Serão poucas... Chegue-lhes, chegue-lhes... E' preciso dizer verdades. São *frescos*, a começar por alguns dos *paralitticos*...

—Eram monarquicos, os do grupo?

—E dos mais categorisados. O sr. Paiva Couceiro—a cuja figura moral presto, no meu livro e em toda a parte, as homenagens de respeito que lhe são devidas—é não só asperamente discutido entre monarquicos, como insidiosamente atacado. Que direito têm, pois, os que assim o tratam, de me atacar politicamente? Uns e outros—os tais republicanos e monarquicos, a que me refiro—são *frutos* deste meio putrido em que chafurda a politiquice baixa e reles. Não pretendo eximir-me a responsabilidades. Assumo-as inteiramente, mas não dou direito áqueles que, pelos seus actos, contribuiram para este grande *sem rei nem roque* que é, hoje, uma boa parte da politica portuguesa—não dou, dizia, direito a criticarem, malsinando, os que como eu pretendem uma politica mais elevada.

E, á despedida, o autor do «Sem Rei nem Roque...» disse-nos ainda:

—Que acuse, pois, quem de direito—tão só—que eu continuarei sendo em politica o que sou—com independencia e lealdade, perante todos:—republicanos e monarquicos de bem. E sou—o que os meus detractores não sabem, nem podem, nem querem ser:—livre, independente e, acima de tudo, português.

Minas do Bembe

As minas de cobre do Bembe vão iniciar a sua exploração com uma produção anual de 30:000 toneladas e não de 30, como por lapso dissemos ante-ontem, numa entrevista com o sr. Camilo Rodrigues.

O QUE RESTA...

As joias

preciosas

do patrimonio nacional

estão guardadas e bem guardadas

Preguntamos ha dias:

—Onde se encontram certas joias preciosas, exemplares de ourivesaria sacra e profana, que fazem parte do patrimonio nacional?

A resposta é justo ter que a dar, visto que fizemos a pregunta: essas joias, esses inestimaveis valores, essas preciosidades, juntamente com centenas e centenas de peças de enormissimo valor historico e artistico, encontram-se, bem guardadas e conservadas, na Casa Forte do Palacio das Necessidades.

Desce-se para essa casa forte, mandada fazer pelo rei D. Carlos, por uma larga escadaria de ferro.

Entra-se lá dentro, como se entra num Museu. Apenas o Museu está fechado a sete chaves a olhos profanos, podendo bem dizer-se que esses grandes valores de arte, de historia e de ourivesaria preciosa—não existem.

Debaixo do chão quasi, invisiveis, imersos em plena escuridão e silencio, esses maravilhosos exemplares que foram testemunhas de quasi toda a vida portuguesa do seculo XII até o seculo XIX, de facto não existem. Estamos mesmo a falar deles sem os termos visto. E não é facil a ninguem vê-los, e têm sido infrutiferas todas as tentativas de varias entidades para os levar para os museus do Estado—por mais resguardados que eles estivessem.

* * *

Não compreendemos a necessidade que possa haver de ocultar onde se encontram aquelas preciosidades, aliás defendidas materialmente, em termos de nem o fogo entrar com elas, e militarmente de maneira que tornaria inverosimil o sonho de um assalto de banditismo.

Portugal não é assim um país de tal modo suspeito. Teriamos então de negar a existencia dos museus, dos cofres dos Bancos, dos recheios dos Palacios, dos tesouros das Igrejas.

Seria aviltante.

Ha escrupulos dignos. Mas não deve haver escrupulos maniacos. A Republica tem tido, de resto, com estes tesouros de arte um cuidado que bem merece dos portugueses.

E a proposito seja-nos licito citar, mais uma vez, o neme honrado do sr. dr. Custodio José Vieira, cujo amor ás coisas do Estado, sua defensão e conservação é daquelas que honram um funcionario em qualquer parte do mundo.

* * *

Já agora, muito por alto, entre «centanas» e «centenas» de preciosidades, seja-nos licito citar a cruz que pertenceu ao mosteiro da Santa Cruz de Coimbra; é de ouro, incrustada de autenticas pedras preciosas, e conhecida pela Cruz de D. Sancho I, seculo XII. Brilham nos seus engastes safiras e rubis numa cercadura de aljofares. Está autenticada. e deve ser trabalho de um artista arabe cristianizado. Toda ela lembra as primeiras conquistas aos mouros.

Como esta, preciosa, é tambem a finissima custodia de Belem. Foi feita com o primeiro ouro de Lisboa. Fugimos á sua descrição. Seria impossivel dá-la num artigo. E' obra do lavrante Gil Vicente, primo do poeta, e o nome do seu autor deu durante anos logar a grandes discussões de historia rigorosa da literatura. O seu peso em ouro é de 30 marcos.

Como estas duas peças, aparecem centenas: gomis, pratas, pixides, relicarios, bandejas, calices, custodias, baculos, cruzes procissionais, corôas, cofres, lampadas, jarras, incensorios, etc.

Tambem se encontra, nesta casa forte, a famosa baixela Germain, da ourivesaria francesa do seculo XVIII, toda ela delicadissima, nas suas linhas gracis, duma grega elegancia, quasi milagrosa, obra genial de Godain, unicas peças de arte que têm visto a luz do dia e da electricidade—e só em parte—nos ultimos banquetes oficiais da Ajuda.

Quasi nos dá pena tratar destes assuntos e descrever uma a uma, pelo menos, cincoenta das mais preciosas peças—e todas elas têm a Historia de Portugal comsigo. Essa descrição encontra-se no Catalogo da Exposição de Arte Ornamental, realisada em 1882, sob a presidencia do Rei D. Fernando e a protecção do Rei D. Luiz, em honra do Rei D. Afonso XII, de Espanha.

Esse catalogo descreve 400 peças.

Foram propositadamente
Edificadas para o fim a que se destinam as instalacões que constituem a séde da
EMPREZA RECONSTRUCTORA DE MACHINAS DE ESCREVER, L.DA
Defronte do Limoeiro
Encarregamo-nos de todos os trabalhos que digam respeito a: Maquinas de escrever, Trabalhos de copias, Nikelagens, Esmaltagens e Soldaduras a Autogenio.
SÉDE NA S/ PROPRIEDADE
LARGO DE S. MARTINHO, 8 a 11
Telef. C-3081
FILIAL
RUA DA CONCEIÇÃO, 58
Telef. C-1020

UMA "ESTRELA DE REVISTA,,

O que

nos disse

a actriz Lina Demoel

que

vai para o Brazil

Ela sorri sempre iluminando os seus olhos de negras saudades, fixando no rosto todas as expressões como se elas fossem as grandes irmãs da sua alma, da sua vida e da sua arte.

Transmite á palavra os brilhos ocultos do veludo, e na transparencia fugaz das suas

LINA DEMOEL

mãos, andam os ritmos musicais que ela acalenta na garganta, como ninhos de oiro, em plena debandada de asas.

—Como entrou para o teatro, Lina Demoel?

—Ha sempre uma historia...

E ficou-se a sonhar ou relembrar essa historia, que o seu rosto tocado de ingenuidade e de melancolia alegre, como só o têm as crianças, guardou e recusou entrevista.

Alguns traços rapidos da sua carreira, que anda nos jornais, nas criticas, no publico e no Brasil. Actriz cujo nome fez o sucesso duma revista, a sua graça, a sua voz, a vida alucinante e febril que imprime ás suas criações; a sua mascara, onde vibram todas as alegrias e todas as tristezas, cantando e dançando como ninguem, marcando admiravelmente pela distinção e pela elegancia da sua beleza, todos os papeis. Lina Demoel é hoje a *estrela* adorada, desejada e disputada de todos os autores. Em quatro anos, tantos os seus anos de teatro, criou já, no meio de entusiasticas ovações do publico e elogios justissimos da critica, o *Gato por Lebre*, *O Ovo de Colombo*, a *Guerra em Tempo de Paz*, o *Fruto Proibido*, o *Rez Vez* e muitas outras revistas.

O seu nome é hoje, indiscutivelmente, um dos primeiros do nosso teatro musicado—nome que ela conquistou á fôrça de talento, de inteligencia e de estudo. Tendo ido ha um ano fazer uma *tournée* ao Brasil, onde foi aclamadissima pelas plateias do Rio de Janeiro e de S. Paulo, sendo a figura da moda, a primeira pagina dos *magazines*, a *toutinegra portuguesa*—José Loureiro contratou-a ha meses, como primeira figura duma companhia de revista, dirigida artisticamente por Antonio Macedo, que parte para o Brasil depois de ámanhã.

—Volta a Portugal—preguntamos ao sorriso, gracioso, fresco e penetrante da *divette*.

—Volto... Não me posso esquecer do Brasil. Encheram-me de flores, de elogios, de homenagens... Apezar do Rio de Janeiro conhecer as melhores companhias de revista da Europa, a imprensa abriu para o meu nome largas colunas de prosa, que eu gosto de reler quando as intrigas dos bastidores vêm até mim...

—O que tenciona fazer, quando regressar...

—Uma viagem a Paris. Depois organizar uma companhia minha, que seja um acorde inedito de beleza nos nossos palcos.

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 °|o

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Séde:--Rio de Janeiro

Representantes em Portugal: PINTO & SOTTO MAYOR

Lisboa-Porto-Coimbra-Vianna do Castello-Braga-Chaves

Está a pagamento o 12.º dividendo na razão de 10 °|o ao ano, ou seja: Rs. 10$000 m. b. por acção liberada, Rs. 5$000 por acção com 50 °|o de desembolso e Rs. 2$000 por acção com 20 °|o de desembolso.

O respectivo pagamento efectuar se ha a começar no dia 21 do corrente em a n|Séde e Filiais.

Lisboa, 18 de Julho de 1924.

PINTO & SOTTO MAYOR

NOTA:—O pagamento efectuar-se-ha todos os dias uteis, das 11 ás 12 horas e das 13,30 ás 15 horas, contra a apresentação dos certificados representativos das acções e respectivos recibos.

GARAGE E OFICINAS

INVICTA, L.da

R. do Arco do Cego, 31-A
LISBOA

Oficinas de reparação de automoveis

RECOLHA MENSAL 50$000

Telefone N. 395

Joias-Ouro-Prata

Não comprem nem vendam sem consultar a nossa casa. A maxima seriedade em todas as transacções. Vamos a casa dos Ex.mos clientes fazer as avaliações e compramos a cobrir todas as ofertas,

Barreto & Gonçalves, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 17
(Antiga Rua de Santo Antão)
Telefone 3759-N
LISBOA

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS
VENDE-SE EM TODA A PARTE
Deposito Geral
Fernandes, Almeida & C.a, L.da
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

GRANDE HOTEL DE SANTA LUZIA

Monte de Santa Luzia
VIANNA DO CASTELLO
A MAIS SURPREHENDENTE E VARIADA PAYSAGEM DE PORTUGAL

Todos os quartos com ADMIRAVEIS VISTAS sobre o mar, rio, campo e cidade. Conforto. Optimo tratamento.

PREÇOS MODICOS

PROPRIETARIOS: — Viuva Cerqueira & Filhos—«Hotel Central».

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

CURIA

Aberta de 1 de Junho a 31 de Outubro

Centro de cura, repouso e turismo

Artritismo: litiase renal, gota, reumatismo articular, asma e obesidade.
Doenças de bexiga e rins. Dermatoses seeas.
Albuminuria — Prisão de ventre.
Hidro-terapia geral — Banhos de bolhas de ar — Massagens.
Electroterapia.
ASSISTENCIA MEDICA PERMANENTE — LABORATORIO DE ANALIZES.
Hoteis de 1.ª ordem, com dieta — Luz electrica.
Casino. Campo de jogos, frondoso parque, jardim e grande lago.
Casas de aluguer.
TELEGRAFO — AGENCIAS BANCARIAS.
Paragem de todos os comboios, incluindo o «Sud-Express» na estação de Mogofores, a dois kilometros. Carros e automoveis á chegada de todos os comboios.

INFORMAÇÕES

LISBOA—Serra & Marinho, L.da, Avenida da Liberdade, 9, 1.º
CURIA—Sociedade das Aguas da Curia.
PORTO—Alfredo Ribeiro, R. dos Caldeireiros, 111.

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

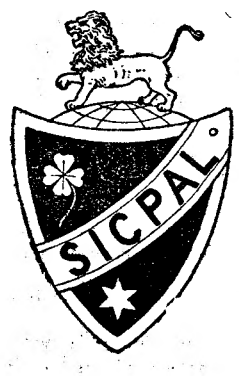
ELISA MAC-BRID FERNANDES

Missa do 30.º dia

Mandada dizer por seus filhos reza-se uma missa segunda-feira, 21, ás 11 horas, na Igreja de S. Mamede.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140



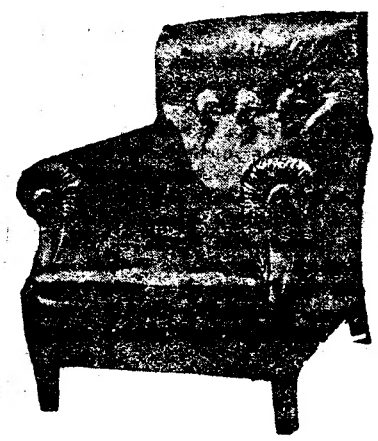
Ratgondins, rapozas, skungs, opussom, petit gris, etc.
Sempre grande e variado sortido em peles estrangeiras e nacionaes.
Curte, tinge e confecciona; rapidez e perfeição.
Preços para reclame.

Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, L.da
Telefone N. 5111
49, Rua das Pretas, 2.º

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082

Horario dos comboios da linha de Cascais, desde 26 de Julho de 1924

(Serviço de Verão)

Estaç. e apead.	101	1	103	201	3	105	203	107	109	205	5	111	207	7	9	113	115
							(a)			(b)		(b)					
Cais do Sodré	1 00	7 20	9 00	9 55	10 35	12 38	13 50	14 15	16 00	17 20	17 40	18 20	19 00	19 05	19 55	21 10	23 00
Santos (ap.)	■	7 23	9 03	■	10 38	■	■	14 18	16 02	■	17 43	■	■	19 08	—	■	■
Alcantara Mar.		7 27	▼	▼	10 42	▼	▼	—	16 06	▼	17 47	▼	▼	—	—	▼	▼
Junqueira (ap.)		—			—			—	—		—			—	—		
Belem		7 33			10 48			14 26	—		17 53			19 16	20 03		
Bom Suces. (ap.)		—			—			—	—		—			—	—		
Pedrouços	▼	7 37	▼	▼	10 52	▼	▼	—	16 15	▼	17 57	▼	▼	19 20	20 07	▼	▼
Algés	1 13	7 40	9 16		10 55	12 51		14 32	16 18		18 00			19 23	20 10	21 23	23 13
Dafundo (ap.)	1 14	7 42	—		10 57	—		—	16 20		18 02			19 25	20 12	—	—
Cruz Quebrada	1 17	7 45	9 20		11 00	12 55		14 37	16 23		18 06	18 36		19 28	20 15	21 27	23 17
Caxias	1 21	7 50	9 25		11 05	13 00		14 42	16 28		18 10	18 41		19 33	20 20	21 31	23 21
Paço d'Arcos	1 26	7 55	9 31		11 10	18 05		14 47	16 33		18 15	18 46		19 38	20 25	21 36	23 26
Santo Amaro (ap)	1 30	8 00	9 35		11 15	13 10		14 52	16 38		18 20	18 51		19 41	20 30	21 40	23 30
Oeiras	1 32	8 03	9 38		11 18	13 13		14 55	16 41		18 23	18 54		19 46	20 33	21 42	23 32
Carcavelos	1 36	8 07	9 42		11 22	13 17		14 59	16 45		18 27	18 58		19 50	20 37	21 46	23 36
Parede	1 39	8 11	9 46		11 26	13 21		15 03	16 49		18 31	19 02		19 54	20 41	21 49	23 39
Cae Agua (ap.)	1 43	8 14	9 49		11 29	13 24		15 06	16 52		18 34	19 05		19 57	20 44	21 53	23 43
S. J. Estoril (ap)	1 46	8 18	9 53	10 28	11 33	13 28	14 23	15 10	16 56	17 53	18 38	19 09	19 33	20 01	20 48	21 56	23 46
Estoril	1 48	8 21	9 56	10 31	11 36	13 31	14 26	15 13	16 59	17 56	18 41	19 12	19 36	20 04	20 51	21 58	23 48
Mont. Estor. (ap)	1 51	8 24	9 59	10 34	11 39	13 34	14 29	15 16	17 02	17 59	18 44	19 15	19 39	20 07	20 54	22 01	23 51
Cascais	1 53	8 26	10 01	10 36	11 41	13 36	14 31	15 18	17 04	18 01	18 46	19 17	19 41	20 09	20 56	22 03	23 53

Estaç. e apead.	102	2	4	6	202	104	204	106	108	110	8	206	112	114	116	118
					(b)											
Cascais	0 30	5 55	7 30	8 25	9 04	9 20	10 45	10 55	12 56	14 30	16 00	18 10	18 39	19 44	21 10	23 00
Monte Estoril (ap.)	0 32	5 58	7 33	8 28	9 07	9 23	10 48	10 58	12 59	14 33	16 03	18 13	18 39	19 47	21 12	23 02
Estoril	0 35	6 01	7 36	8 31	9 10	9 26	10 51	11 01	13 02	14 36	16 06	18 16	18 36	19 50	21 15	23 05
S. J. do Estoril (ap.)	0 38	6 05	7 40	8 35	9 14	9 30	10 55	11 05	13 06	14 40	16 10	18 20	18 40	19 54	21 18	23 08
Cae Agua (ap.)	0 41	6 08	7 43	8 38	■	9 33	▼	11 08	13 09	14 43	16 13	▼	18 43	19 57	21 21	23 11
Parede	0 45	6 12	7 47	8 42		9 37		11 12	13 13	14 47	16 17		18 47	20 01	21 25	23 15
Carcavelos	0 48	6 16	7 51	8 46		9 41		11 16	13 17	14 51	16 21		18 51	20 05	21 28	23 18
Oeiras	0 52	6 20	7 55	8 50		9 45		11 20	13 21	14 55	16 25		18 55	20 09	21 32	23 22
Santo Amaro (ap)	0 54	6 22	7 57	8 52		9 47		11 22	13 23	14 57	16 27		18 57	20 11	21 34	23 24
Paço d'Arcos	0 58	6 27	8 02	8 57		9 52		11 27	13 28	15 02	16 32		19 02	20 16	21 38	23 28
Caxias	1 02	6 31	8 06	9 01		9 56		11 31	13 32	15 06	16 36		19 06	20 20	21 42	23 32
Cruz Quebrada	1 06	6 36	8 11	9 06		10 01		11 36	13 37	15 11	16 41		19 11	20 25	21 46	23 36
Dáfundo (ap.)	—	6 40	8 14	9 09		10 03	▼	▼	—	▼	16 44		—	20 27	—	—
Algés	1 10	6 42	8 17	9 12		10 06		13 42			16 47		19 16	20 30	21 50	23 40
Pedrouços	▼	6 44	8 19	9 14		▼		▼	▼	▼	16 49		▼	▼	▼	▼
Bom Sucesso (ap.)		—	—	—							—					
Belem		6 49	8 24	9 19							16 54					
Junqueira (ap.)		—	—	—							—					
Alcantara Mar.	▼	6 54	8 29	9 24							16 59					
Santos (ap.)	1 21	6 59	8 34	9 29							17 04					
Cais do Sodre	1 23	7 01	8 36	9 31	9 45	10 19	11 26	11 52	13 55	15 27	17 06	18 51	19 29	20 43	22 03	23 53

Todos estes comboios fazem serviço de bagagens e recovagens.
O numero de passageiros nestes comboios é limitado.
(a) **Só se efectuam aos domingos e dias feriados.**
(b) **Não se efectuam aos domingos e dias feriados.**

A. Reis, L.da
CHANGEURS • CAMBISTAS • CHANGERS
Compra e venda de moedas estrangeiras «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 • • • • • LISBOA

ESTRANGEIRO

MOBILIAS
COMPRAI SÓ NA
Travessa de S. Mamede, 60, 60-A
(á Politecnica)

A REVOLTA DE S. PAULO

As tropas federais já entraram na cidade de S. Paulo?

NEW-YORK, 19

Noticias recebidas do Brasil anunciam que as tropas federais chegaram ao teatro Municipal, no centro da cidade de S. Paulo, fazendo numerosos prisioneiros. As forças sitiantes estão atacando em vasta escala as posições dos rebeldes que, em grande parte, se têm posto em fuga para o interior, deixando a cidade quasi inteiramente nas máos das forças atacantes.

A embaixada americana, no Rio de Janeiro, comunicou ao Departamento de Estado dos Negocios Estrangeiros que se eleva a 15:000 o efectivo das tropas federais que cercam a cidade de S. Paulo, e que mais três mil homens chegaram ontem á cidade de Santos.

No Rio de Janeiro

estão-se concentrando tropas

Na cidade do Rio de Janeiro está egualmente concentrado o mesmo numero de tropas.

Desmente-se a noticia da deposição do governador do Estado de Sergipe.

O governo federal bracileiro expulsou os representantes de duas agencias telegraficas americanas, sendo encerrados os seus escritorios, por terem propagado noticias desfavoraveis. —(L.)

Combates

entre S. Paulo e Santos

MONTEVIDEU, 19

As ultimas noticias recebidas no Brasil dizem que entre as cidade de S. Paulo e Santos se estão travando sanguinolentos combates.

Os representantes da «United Press» e da «Associated Press» foram expulsos pelo governo federal, tendo os respectivos escritorios sido encerrados, em virtude de estarem fazendo propaganda contra o Brasil no estrangeiro.

No Rio de Janeiro está-se efectuando uma grande concentração de tropas, a fim de prevenir qualquer eventual revolta nos Estados limitrofes de S. Paulo.—(R.)

RIO DE JANEIRO, 19

As forças fieis consolidaram a sua situação em S. Paulo e fizeram novos progressos, que só não são decisivos por o comando se esforçar por poupar a cidade e a população.—(A.)

RIO DE JANEIRO, 19

E' absolutamente destituida de fundamento a informação segundo a qual o dr. Gracchо Cardoso teria sido deposto por uma revolução.—(A.)

O holandês Van Dem luta hoje no Coliseu dos Recreios contra o belga Terrassier.

Ó "APRÉS-LA-GUERRE

100:000 alemães estão sem ter onde dormir

devido á falta de casas

A grave situação da Alemanha complica se de dia para dia.

Os alemães que haviam sido expulsos voltam em massa ao seu país; é necessario alojá-los, procurar-lhes o mobiliario indispensavel, principalmente nas localidades onde, por sucessivas requisições das autoridades de ocupação, a penuria das habitações excede tudo o que se possa imaginar.

No ultimo ano, quando se inaugurou a politica de represalias para quebrar a resistencia passiva dos funcionarios alemães, apenas se permitiu aos expulsos que levassem os seus fatos, enquanto as suas casas e e respectivo mobiliario, eram utilisados pelos ferrosviarios e outros empregados franco-belgas das regiões ocupadas.

Como, por ora, não se trata de entregar os caminhos de ferro rhenanos ao Reich, e como, mesmo depois da aceitação do projecto dos peritos, subsistirá um contrôle inter-aliado da rede ferroviaria do Rhur e do Rheno, não se produzirão vagas de habitações, antes pelo contrario.

Não se pode, de longe, fazer uma ideia da importancia deste problema.

Em Wiesbaden, por exemplo, onde numerosas casas e imoveis estão já requisitados pelas necessidades da guarnição e das administrações francesas, é necessario requisitar mais 400 habitações mobiladas, para os empregados da «régie» que vão evacuar as casas dos expulsos; estes querem voltar aos seus lares, e exigem a saida dos intrusos, visto que a «politica de violencia» acabou.

Isto não é senão um pequeno preludio—e os jornais continuam apelando para os aliados da França e para os neutros, a fim de influenciar a opinião universal a favor duma revisão do tratado de Versailles que permitiria ao Reich declarar aos aliados:

—«Eu aceitei o plano dos peritos; evacuai pois o Rhur e a Rhenania. Desarmei; chamai, pois, os vossos orgãos de «contrôle».

Todos os alemães, homens de Estado, diplomatas, financeiros, e industriais exageram o valor desta aceitação do parecer dos peritos, para beneficiarem das vantagens que ele dá á Alemanha.

A situação do comercio na Rhenania, principalmente em Wiesbaden, onde o encarecimento provocado pela estabilização do marco, com a paridade do dollar fez fugir os estrangeiros, banhistas e turistas, é muito grave. Os melhores armazens, por falta de compradores, estão em regimen de concordata. Isto é: os proprietarios apenas recebem dez por cento das suas magras receitas; o resto é entregue ao sindico para satisfazer os credores.

Nessa cidade, outrora tão prospera, onde os banhistas rivalizavam em luxo com uma população rica, os negocios faziam-se em oiro. Oficialmente, registavam-se 250 milionarios domiciliados em Wiesbaden! Hoje os hoteis estão vazios e o Kurhans deserto. Os oficiais e os funcionarios franceses não podem pagar os preços pedidos nos «restaurants», armazens e teatro — e não saem de casa; os celibatarios contentam-se geralmente com ir até ao Club Militar.

* * *

Na Alemanha não ocupada, a existencia é ainda mais dificil. Os bancos não dão creditos, não se vende nada, e não interessa mesmo a diminuição dos preços de certas mercadorias que saem três ou quatro vezes mais caras que no estrangeiro.

Os alemães não pensam senão em ir ao estrangeiro trocar os seus «rentenmarks» por fatos, roupas, calçado e outros objectos que no seu país estão pela hora da morte.

A Alemanha está entre correntes cuja direcção é dificil prever. Constatemos simplesmente que a mais numerosa é a dos alemães que aspiram pelo fim das convulsões revolucionarias, e pelo restabelecimento da ordem politica e financeira. Mas ainda é cedo para se concluir seja o que for...

A REUNIÃO ALIADA

As faltas cometidas pelos alemães e as sanções aplicadas

LONDRES, 19

A primeira e segunda comissões da conferencia reuniram-se esta manhã e a terceira tem os seus trabalhos concluidos.

Como os principais delegados estão ocupados nas comissões, a sessão plenaria só se realisará depois de estarem concluidos todos os relatorios.

As varias afirmações publicadas sobre os trabalhos das comissões devem ser acolhidas com grande reserva, pois todas elas têm recebido emendas e só poderão ser conhecidas pela aprovação em sessão plenaria das conclusões a que chegaram.

A primeira comissão chegou a acordo, na sua sessão de ontem á noite, sobre a primeira parte do relatorio, referente ás sanções a aplicar ás faltas cometidas pela Alemanha.

A parte acordada refere-se á constituição da comissão de reparações segundo o plano de Dawes, para o caso da falta da Alemanha e a acção a tomar por essa corporação.

As reparações

e o plano franco-belga

A segunda comissão examinou esta manhã o plano franco-belga de evacuação do Ruhr, o qual foi entregue ontem aos outros delegados para estudo.

A terceira comissão considera a comissão de reparações como o melhor agente consultor para resolver as questões de rateio entre os aliados dos fornecimentos em especie feitos pela Alemanha por conta das reparações. —(L.)

Teatro Salão Foz

Novos numeros

Dois novos numeros de variedades em conjunto apresenta hoje o cartaz do Foz: «OS FANTASMAS DE NEW-YORK» e os «SOLDADOS INFANTIS», ambos em scenario e guarda-roupa novos, por MARI LAURA e grupo de segundas tiples. Continuam em pleno exito: a «Vendedeira de violetas», por MARI LAURA e côro; as «Flores do vicio», por MARI LAURA e SILVA SANCHES; os «Apaches modernos», por MARI LAURA e LELA, e a graciosa bailarina espanhola LUIZA DE LERMA, cuja original interpretação do «Relicario» lhe tem valido os mais entusiasticos aplausos. Anunciam-se os ultimos espectaculos da coupletista cubana senhorita ROSARIO DIAZ.

HOJE no **Cinema Condes**

A Ferida por Francesca Bertini
Dupla Aventura por Carlos Hutchinson
Tu e eu pela Companhia Infantil
E a estreia do Jornal do Condes 224
(Colorido)

A'manhã

VENDE-SE em particular, piano francês vertical. Escadinhas de S. Luís, 18, r/c.

S. CARLOS Telef. C. 3063
HOJE, ás 9,45 da noite — Ultima representação da graciosa e popularissima peça
A VINHA DO SENHOR
Enorme exito de gargalhada com Lucilia Simões e Erico Braga
Terça-feira, 22—O LEQUE, comedia de Flers e Caillavet.—Brilhante criação de Lucilia Simões
Marcam-se bilhetes para a 1.ª recita

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ás 21,30
Ultima semana—Despedidas irrevogaveis da sensacional peça
OS DOIS GAROTOS
Protagonistas: ILDA STICHINI e ESTER LEÃO
Magnifico conjunto
Preços reduzidos: Plateia, 4$40, 5$60, 9$50, 12$00; Camarotes, 20$00, 35$00, 50$00; Galeria, 3$40.
Não ha locação

Politeama Empresa Luís Pereira Telefone 3028-N
HOJE—SABADO, ás 21,30—2.ª representação da celebre peça em 3 actos, de costumes ribatejanos, original de Salvador Marques
OS CAMPINOS
Scenarios novos de Luiz Salvador e Campos & Oliveira — Guarda-roupa do professor Castelo Branco — Grandiosa «mise-en-scéne»

TEATRO SÃO LUIZ
Tel. N. 224 HOJE, ás 10 horas da noite
3 — Estreias de numeros novos — 3
Os surpreendentes e prodigiosos
ANAGLIFES
atirando projectels aos espectadores
Sensação A inegualavel revista Assombro
VIDA NOVA
Agrado unanime e entusiastico

TEATRO da TRINDADE
Empreza José Loureiro Tel. C-876
HOJE—A's 21,30—A peça de Dario Nicodemi
ALMA FORTE
Colossal trabalho de ALVES DA CUNHA
Segunda-feira, 21—Recita do ilustre actor Alves da Cunha—1.ª representação do original português em 3 actos de Faria de Vasconcelos
O Turbilhão

Eden Teatro Telef. N. 3.800
HOJE—A's 9 3|4 da noite
Recita de homenagem ao maestro Antonio Lopes
A nova revista de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos
Aguas passadas...
(Revista das revistas)
pela COMPANHIA OTELO DE CARVALHO

Teatro MARIA VICTORIA
HOJE—Duas sessões ás 8,45 e 10,45
Recita dedicada pela empresa á popularissima actriz ZULMIRA MIRANDA que se despede do publico, seguindo para o Brasil na 2.ª feira
A incomparavel revista
RÉZ-VÉZ
com todas as suas atracções e novidades

6 HORAS DA TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS DA TARDE

O MUNICIPIO

FALA

SOBRE VARIOS CASOS

o vereador

Alfredo Guisado

Esta tarde, um encontro com o vereador sr. Alfredo Guisado, á porta do edificio do Governo Civil de Lisboa, proporcionou-nos uma interessante conversa:

—Que providencias tomou sobre a ultima scena macabra do cemiterio do Alto de S. João?

—Estive lá ha pouco.

—E depois?

—O caso passou-se assim: Um individuo decentemente vestido, arrombou a porta dum jazigo e com a ponta duma bengala fez um furo no caixão de chumbo e tirou duas tibias que ocultou entre o casaco e colete.

—E foi exibi-las numa taberna que fica em frente do cemiterio?

—Fez mais do que isso. Começou a tamborilar com elas sobre uma mesa.

—Como soube que se tratava dum individuo bem vestido?

—Porque ele esteve preso na administração do cemiterio, sendo pouco depois mandado em liberdade Fiquei indignado com o administrador. Já encarreguei o agente Fonseca da C. M. L., de capturar o profanador.

—Vai falar ao sr. governador civil no caso?

—Não é bem esse o motivo que aqui me traz.

—Então?

—Venho comunicar-lhe scenas vergonhosas e repugnantes que diariamente se estão praticando no cemiterio do Alto de S. João, sem o menor respeito pelos mortos.

—E os guardas consentem-no?

—Comunicaram-me hoje que estão na disposição de abandonar o cemiterio, caso não lhes seja permitido armarem-se. Vou pedir ao sr. governador civil autorisação para isso.

Ha uma nuvem de poeira que se levanta.

—Porque é que a Camara não rega as ruas?

—Qual é o vereador que tem força para mandar regar as ruas e as plantas dos jardins e as arvores, algumas delas verdadeiras raridades, perante esta tremenda ameaça da Companhia:—«Se a Camara regar as ruas, o publico fica sem agua e na contingencia de morrer á sêde!?»

—Vai acabar a feira?

—Vou apresentar uma proposta na proxima sessão, nesse sentido.

—Por causa do conflito?

—Não. Por causa duma reclamação que recebi dos moradores da Avenida Antonio Augusto de Aguiar, que me preguntaram se Lisboa estava transformada num sertão de selvagens.

—Porquê?

—Depois duma certa hora da noite, as senhoras estão inibidas de assomar ás suas janelas, devido ás scenas escandalosas que ali se passam.

—Mas não foi V. Ex.ª que concordou com a abertura da feira?

—Depois de muito instado. Mas prometeram-me fazer uma feira limpa, decente e não aquilo que ali está, sem estetica nem arte.

Marinha americana

O capitão de fragata sr. Heinckley, comandante do navio de guerra americano «Alexander Hamilton», cumprimentou hoje o sr. ministro e demais autoridades de marinha, cumprimentos que foram hoje mesmo retribuidos.

Perfumaria «Flor de Liz»
COLOSSAL SORTIMENTO
R. NOVA DO ALMADA, 83

Creme de Lyon
O MELHOR PARA A PELE
A' venda em toda a parte
DEPOSITO:
Rua das Pedras Negras, 36, 2.º

A TARDE POLITICA

A scisão

NO P. R. P.

parece inevitavel

segundo as nossas informações

O conselho de ministros que estava marcado para hoje ficou transferido para 2.ª feira ás 9 horas da noite e está-se a ver as razões da transferencia—os desejos que o sr. Rodrigues Gaspar tem de verificar mais uma vez a falta de numero que fatalmente se vai dar, por muito que o sr. Balthazar Teixeira, com a sua especial bóssa de não saber ler, quanto isso lhe convenha faça na respectiva chamada. Antecipadamente estamos assitindo já á sessão de segunda feira. A' hora marcada, duas da tarde chegam a S. Bento os srs. Nunes Loureiro e Pires do Vale. Depois chega o sr. Sá Pereira, e aí por volta das 3 horas, com duzia e meia de deputados na sala, o sr. Francisco Cruz, ou o sr. Cancela de Abreu começam protestando:

—São horas, sr. Presidente!

—Então, sr. Presidente!

—Vamos a isto, sr. Presidente!

E ás 3,20, o sr. Alberto Vidal sóbe como quem vai para o Calvario, as escadas da presidencia, e manda fazer a chamada.

* * *

Faz se a chamada. Cada nome dois minutos. Depois manda se ao elevador ver se vem mais gente. Renovam-se os ápartes. O sr. Baltazar Teixeira cofia a pera. O sr. Alberto Vidal compõe os oculos. A Camara conversa e lá do seu logar o sr. Francisco Cruz, de braços abertos, começa a gritar:

—Ha numero ou não ha numero, sr. Presidente?!

E o sr. Cancela de Abreu a ajudar á missa:

—Se não ha numero vamo-nos embora!

E como não haja numero, o sr. Alberto Vidal põe o chapeu e marca a sessão para terça feira... com a mesma ordem do dia

* * *

Ora o sr. Rodrigues Gaspar sabe que isto vai ser assim. Mas quere encher-se de razão, e por isso transferiu, o conselho de ministros para segunda feira á noite. E nesse conselho de ministros, ao que nos informam, a questão da falta de numero vai ser posta pelo chefe do governo com toda a clareza. Quere ou não quere o grupo parlamentar que compõe o Bloco dar-lhe apoio pratico e efectivo? Se quere que o Directorio proceda de maneira a que isso se realize imediatamente. Se não quere que o diga tambem para que o sr. Rodrigues Gaspar faça o que tem a fazer, visto que, homem pratico, ao sr. Rodrigues Gaspar repugna a situação equivoca em que o seu partido o está colocando no capitulo de assistencia parlamentar.

* * *

E ministro da Agricultura? Tambem é caso que está em vias de solução, tendo sido o sr. Vitorino Guimarães encarregado de resolver o assunto para que o chefe do governo quando volte a fazer o convite a qualquer dos seus partidarios tenha já a certeza duma rapida e segura acquiescencia. Irá, segundo nos informam, o sr. Visconde de Pedralva. Dizia-se hoje que o sr. Visconde de Pedralva não havia aceitado o primeiro convite por desejar que o nomeassem govrnador de Angola, na suposição que os Altos Comissariados iam desaparecer. Agora, porém, que já está definitivamente assente que esses logares subsistem e que já está tambem escolhido o politico que ha de substituir o sr. Norton de Matos e que é como anteontem dissemos, o sr. dr. Paiva Gomes, o sr. Visconde de Pedralva, a ser de novo convidado, o que é quasi certo, tomará conta da pasta deixada pelo sr. dr Joaquim Ribeiro, a não ser, hipotese em que já se pensou, que o mesmo ex-ministro regresse ao seu logar...

* * *

Outro bico de obra e que não é dos mais pequenos, é a atitude do Senado perante o novo governo. A moção do sr. Ribeiro de Melo é regeitada pelo Bloco, mas por um numero insignificante de votos, não sendo como na Camara dos Deputados dada ao governo qualquer moção de confiança. Por outro lado o discurso do «leader» democratico sr. dr. Pereira Osorio, foi um grande balde de agua fria nas aspirações governamentais do Bloco, porquanto o seu discurso não tendo sido de hostilidade ao novo governo, foi no entanto um ataque cerrado á obra do governo anterior, cujos pontos de vista o sr. Rodrigues Gaspar segue e defende.

* * *

Tambem o caso da feira do Parque Eduardo VII se vai transformar no Parlamento num «casus belli» sendo os ministros do Interior (Rodrigues Gaspar) e da Guerra (general Vieira da Rocha) chamando á pedra das responsabilidades não quanto aos sucessos em si, mas pelo que respeita ás sanções que ainda não foram aplicadas. Afirmava-se hoje, que outros pontos vão ser tocados no debate e entre eles o facto de existirem na G. N. R. praças com castigos por faltas, algumas gravissimas e a benevolencia do 2.º comandante da Guarda, que alguns oficiais estão vendo com pouca satisfação.

* * *

Quanto ao conflito interno do P. R. P., que muita gente supunha por agora atenuado, tem-se agravado ultimamente, estando quasi em ponto de rebuçado.

—Dificilmente, dizia-nos hoje um dos marechais do P. R. P., chegaremos a um acordo, e tudo leva a crer que a divisão clara e publica do partido se faça. Como sabe, as duas correntes, uma do sr. Antonio Maria da Silva, a outra do sr. dr. José Domingues dos Santos, não só se não entendem, como nunca mais se poderão entender dentro do mesmo partido. E, assim, quanto mais tempo estivermos á espera dum entendimento, mais contribuimos para a barafunda politica e para a encravação dos negocios publicos que vão, porém, estar á mercê das divergencias dos homens. Mesmo desde que ha no P. R. P. duas correntes distintas, formando programas distintos, e com pontos de vista antagonicos, querer juntá-los no mesmo recipiente póde dar logar a uma explosão mais perigosa do que a reparação pura e simples desses reagentes.

* * *

Outro aspecto da questão—as interpelações. Logo que termine o debate politico e sempre que haja numero, as interpelações e os negocios urgentes a tratar por cada uma das pastas são tantas que o Parlamento não terá uma hora sequer para tratar dos assuntos pendentes. Ha já interpelações anunciadas, quer no Senado, quer nos Deputados, aos ministros do Trabalho, Comercio, Finanças, Interior e Justiça, com os assuntos dos hospitais, das estradas, da situação financeira da Praça, do jogo e do inquilinato, tudo questões graves, dificeis e complicadas. Ha ainda a questão de Angola pela pasta da, Colonias e que já foi anunciada pelo sr. Cunha Leal ao actual titular da pasta das Colonias que, sendo um ministro reputadamente debil, dificilmente se aguentará no balanço, se lhe sobrevier um temporal desfeito.

E por hoje mais nada soubemos que valesse registo...

O ministro do Comercio

visitou os Correios e Telegrafos

O sr. ministro do Comercio visitou hoje a Administração Geral dos Correios e Telegrafos, sendo recebido pelo administrador geral e mais pessoal superior, agradecendo a todos os cumprimentos que lhe dirigiram por ocasião da sua posse.

O tenente coronel, sr. Pires Monteiro, visitou demoradamente todas as instalações da administração geral e visitará brevemente os restantes serviços de correios e telegrafos.

3.ª POTENCIA

ESTÁ

VOTADO AO ABANDONO

o ensino

colonial português

O ensino colonial, num país como o nosso —que tem a sua razão de ser em vastos dominios ultramarinos—devia ocupar um dos primeiros logares, senão o primeiro, no quadro das nossas escolas superiores.

O exemplo da Belgica, que é uma recente nação colonial, e que veiu buscar entre nós os fundamentos do programa por que se rege o seu ensino da especialidade, já hoje desenvolvido e ministrado numa verdadeira Faculdade de estudos coloniais, deve merecer dois minutos de atenção aos orientadores da nossa administração ultramarina.

Recentemente chegado do estrangeiro, o sr. Arnaldo Brazão, aluno da Escola Colonial de Lisboa, falou-nos com entusiasmo da maneira como é ministrado o ensino na Escola de Paris, instalada num edificio proprio e moderno, com aulas espaçosas e higienicas, um belo amfiteatro para sessões solenes e projecções, uma esplendida camarata para internato, sala de educação fisica, etc.

—Não se admire, disse-nos aquele senhor. Na Escola de Paris é obrigatoria a esgrima e a equitação; é indispensavel a pratica de alguns exercicios fisicos áqueles que se dirigem para as sociedades novas e em organisação, onde o direito da fôrça domina a fôrça do direito.

—E os programas...

—Não são superiores aos da nossa Escola Colonial, excepto naquela parte do programa que em Portugal não existe.

—Quere referir-se...

—Principalmente ao ensino do Direito Internacional e a conhecimentos praticos sôbre construções ligeiras, que, embora fazendo parte dos nossos programas, ainda não são ministrados entre nós.

—Julga util a introdução de novas materias no programa da nossa Escola?

—Mais do que util: indispensavel. O Direito Internacional, a Economia Politica, algumas noções de construções ligeiras, francês pratico, educação fisica e uma tese, no final do curso, são indispensaveis para que um funcionario colonial possa desempenhar bem o seu logar e com vantagem para o Estado. E' necessario, e quanto antes, preparar uma pleiade de funcionarios que tenham a consciencia da responsabilidade dos cargos que exercem.

E o sr. Arnaldo Brazão prossegue:

—Governar pretos não é precisamente o mesmo que dirigir um *breack;* torna-se necessario ter a noção das proporções e saber que o preto, embora num estado rudimentar de civilisação, tem uma moção clara de justiça. Quantas vezes não são as guerras coloniais o resultado das iniquidades dos funcionarios da Metropole?

«E' certo que vamos entrar, segundo creio, numa nova fase. Em Angola e Moçambique, mas principalmente na primeira colonia, o recrutamento do funcionalismo vai sendo feito com preferencia para os diplomados pela Escola Colonial, o que já se deveria ter feito ha muito tempo, como se encontra legislado.

—A Escola Colonial tem uma grande frequencia?

—Muito menos do que seria para desejar. As causas devem atribuir-se ao abandono a que os poderes publicos votaram o ensino colonial, o que é uma vergonha para um país como o nosso. Porque este curso, deixe-me dizer-lhe, não é só vantajoso para os funcionarios coloniais e para os oficiais do exercito e da marinha, mas ainda para todos aqueles que nas colonias vão exercer a sua actividade.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114